

## **Entrevista com René Roussillon**

### **(Nota de Rodapé)**

Entrevista realizada em 28 de outubro de 2009, por Maria do Carmo Meirelles Davids do Amaral e Michael Harald Achatz.

René Roussillon é analista didata da Sociedade Psicanalítica de Paris- SPP, presidente do Grupo de Analistas de Lyon, docente da Universidade de Lyon 2. Recebeu o prêmio M. Bouvet por seu livro “Paradoxes et situations limites de la psychanalyse” (1991). Trabalha no desenvolvimento de conceitos de Freud anteriores a 1920, relacionando-os às noções introduzidas em “Mais Além do Princípio do Prazer”. Seus interlocutores na França ao trabalhar as ideias de Winnicott são D. Anzieu, Pontalis e Green.

**Associação MF-** Poderia nos falar sobre sua experiência pessoal, primeiro como psicanalista em formação e depois na função de docente?

**René Roussillon-** Antes de tudo, é necessário dizer que eu era muito jovem, quando iniciei minha formação de psicanalista. Tinha menos de trinta anos e fiz uma formação muito curta, dois anos e meio. Não é uma experiência habitual, comum, é uma experiência particular, pois eu já tinha um caminho percorrido, uma tese de doutorado sobre as questões da psicanálise. Portanto, quando iniciei a formação já tinha lido todos os grandes teóricos da psicanálise, além de Melanie Klein, e Winnicott que começava mas ainda não era traduzido. Iniciei minha formação com pessoas com muito conhecimento teórico. Eu já tinha a prática de cinco, seis anos como psicoterapeuta, com um difícil trabalho em setor psiquiátrico de hospital dia. Era um hospital dia na *Cité*, um centro de consultas e de tratamento de pacientes *borderline*, psicóticos. Passei vinte anos neste centro, mas logo tive pacientes que queriam fazer análise e assim comecei a formação. Naquela época, quando morávamos em Lyon era necessário fazer pelo menos uma supervisão em Paris. Eu fiz com Jean Luc Donnais, durante um ano e meio aproximadamente. Fiz a supervisão em Lyon e depois mais um ano e meio em Paris! Fiz muita supervisão, mas foi bom, pois me fazia pensar muito, refletir bastante. Eu tinha que fazer assim, pois era jovem e apaixonado... aos 45 anos não seria a mesma coisa, haveria muito mais resistência, e menos submissão!

**Associação MF-**A supervisão era de apenas um caso?

**René Roussillon--** Sim, somente um caso. A análise fiz em Paris. Então, toda essa formação não durou muito tempo. Neste momento havia na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) três grupos: **os afiliados, os aderentes e os formadores (os membros filiados, os membros associados e os membros efetivos?/)**. Isto não é mais assim.

**Associação MF-**Na época a divisão entre as Sociedades Psicanalíticas Francesas já havia ocorrido? \*

### **Nota de rodapé**

\* A SPP, Sociedade Psicanalítica de Paris, é a sociedade mais antiga da França, reconhecida pela IPA. Uma cisão, em 1954, deu origem à Sociedade Francesa de

Psicanálise, com a liderança de Lacan. Uma nova cisão acontece em função de um poder exacerbado de Lacan, que atendia seus pacientes no divã, mas também em supervisão, além de dar os seminários. Com isso, ditatorialmente impunha seu pensamento a toda Sociedade. Uma nova cisão, dez anos depois, e surge a APF, Associação Psicanalítica Francesa. Esta foi reconhecida pela IPA, com a condição de que não se aceitasse análise didática conduzida por Lacan e seus seguidores. Lacan funda a École d'Études Freudienne

**René Roussillon-** Sim, sim, a separação aconteceu em 1963 ou 1964. Eu cheguei em 1978.

**Associação MF-E** qual o motivo de sua escolha pela SPP?

**René Roussillon-** Em Lyon eu tinha um emprego na universidade onde havia um professor que era psicanalista da SPP. Em Lyon a SPP era a sociedade dominante, era vista como mais organizada. Isto tudo foi importante para mim pois me sentia muito livre !

**Associação MF-** Com quem fez análise?

**René Roussillon-** Com Anzieu.

**Associação MF-A** qual sociedade ele pertencia?

**René Roussillon-** Anzieu era da APF, Associação Psicanalítica Francesa.

**Associação MF-** Então ele era de outra sociedade...

**René Roussillon-** Quando me inscrevi em Lyon ,a SPP, de Paris, iniciava um Instituto também em Lyon , e assim fui admitido em Paris e Lyon ao mesmo tempo. A análise deveria ser feita com um membro que fosse da IPA. Este é o único critério para ser aceito na SPP -análise com um membro ligado a alguma das sociedades da IPA.

**Associação MF-** O critério é estar fazendo ou já ter feito análise?

**René Roussillon-** É necessário ter avançado muito na análise. Nós podemos já ter terminado, mas é necessário que haja um número bom e contínuo de anos de análise . Existia o grupo dos afiliados e depois o grupo **dos aderentes (associados?)**, estes já inseridos nos grupos de seminários, muito dinâmico . Os melhores se candidatavam para serem formadores. Como eu já tinha escrito muito, me disseram que não valia a pena solicitar para **ser membro filiado**, que seria tempo perdido, e sugeriram que eu já passasse a **membro associado**. Assim fiz uma formação muito curta... **virei associado** muito rápido. Pulei uma etapa . Essa é a minha tragédia...

**Associação MF-** Quanto tempo durou sua análise? Ela acompanhou a formação ?

**René Roussillon-** Foram seis, sete anos , antes e durante a formação . Quando terminei a análise havia praticamente terminado a formação.

**MF-E** com quem deveria ser feita a análise ?

**René Roussillon**-Na época a análise deveria ser feita com um membro titular . Titular-formador.Em Lyon havia poucos membros formadores, muitas pessoas iam a Paris e com isso perdíamos muitos possíveis candidatos, porque era muito caro,tomava tempo, era necessário pegar trem... Vivíamos em cidades pequenas da *Provence* e muitos preferiam sair da região em busca de outros formadores . Esta circunstancia levou a pensar que seria necessário abolir esta regra que ,de fato ,foi depois abolida.

**Associação MF**- O Sr. percebeu alguma vantagem em fazer análise com alguém fora da SPP ?

**René Roussillon**- Eu não escolhi Anzieu por causa disso. Escolhi Anzieu porque estava fazendo uma formação em psicodrama, em uma organização da qual ele se ocupava. Nessa época meu pai ficou gravemente doente e depois veio a falecer. Elaborei sua morte no psicodrama sendo interpretado por Anzieu . Comecei colocando-o no papel de meu pai ao desenvolver os jogos de cena do psicodrama. Eu gostava do modo como ele trabalhava, não tinha motivos para não continuar com ele. E assim comecei a análise. A vantagem que percebi depois é que me sentia livre, muito livre. Isto foi algo muito importante para mim. Estar livre, livre para pensar , livre para trabalhar com os pacientes.

Vejo colegas que se preocupam muito se pertencem a esta ou aquela sociedade. Valorizam só a SPP . Para mim o importante é a psicanálise bem feita. Se outros são lacanianos e podemos trabalhar bem juntos, que bom !

**Associação MF**- Como foi sua experiencia trabalhando primeiro com psicoterapia e depois com psicanálise, isto o ajudou na clínica?

**René Roussillon**-- Isto faz parte da minha postura de liberdade. Considero que a psicanálise é uma psicoterapia e que a oposição psicanálise/ psicoterapia não é uma boa oposição. Para mim a boa posição é a da psicoterapia fundada na análise. Eu sempre trabalhei seguindo um modelo de psicoterapia fundada na psicanálise. Quando fiz minha análise, quando fiz minha formação eu evolui, mas permanecendo absolutamente na mesma linha. Não fiz assim : faço psicoterapia, agora paro e faço psicanálise. Eu continuei a fazer o que eu fazia, e tentei fazer sempre melhor, sabendo que eu viria a ser um psicanalista oficialmente reconhecido como tal.

**Associação MF**- Então o Sr. não vê uma diferenciação entre a psicoterapia psicanalítica e a psicanálise ?

**René Roussillon**- Talvez existam pessoas que as considerem muito diferentes. Eu, na prática, trabalho de modo muito parecido. A ideia é que eu crie ou proponha um dispositivo que me pareça o melhor para aquela pessoa, sempre num trabalho psicanalítico. Se o divã traz intolerâncias, faço sem divã. Trabalho três vezes por semana, quatro vezes por semana. Se o divã é melhor, posso ter pessoas deitadas sobre o divã trabalhando uma ou duas vezes por semana. Para mim o que importa é pensar qual será o melhor dispositivo para que este paciente faça seu trabalho interior. Se é estar na minha frente, está bem; se é estar deitado, assim o fazemos. De qualquer maneira, estou convencido que trabalhar com quatro sessões por semana não é a mesma coisa que somente com uma sessão

semanal. Isto se deve ao fato de que o paciente não se comprometerá da mesma maneira se o virmos todos os dias ou uma vez por semana. Existem muitas diferenças no processo, mas não me parece interessante falar dessas diferenças. Outro ponto importante, é que penso que isto seria como enviar uma mensagem sem sentido à sociedade; dizer que a psicanálise não é uma psicoterapia para tratamento. A psicanálise intelectual para os estudantes de filosofia está diminuindo cada vez mais. Isto acabou. Não tem mais sentido! A pessoa vem à análise porque nós as tratamos. É isso que temos a oferecer. Considero algo snob pensar que a psicanálise não é uma psicoterapia. Um esnobismo que repousa sobre uma má compreensão de Freud. A melhor estratégia para tratar é seguir o mais rigorosamente possível a atitude psicanalítica. Se fizermos algo diferente isto não será psicoterapia – será fazer uma psicanálise ruim. Esta não é a posição majoritária na França, mas é a minha posição .

**Associação MF**– O Sr. considera que esta sua postura quanto à psicanálise está alicerçada na sua experiência clínica com pacientes considerados difíceis?

**René Roussillon**- Com certeza. Quando estava no hospital dia tinha pacientes psicóticos e vivi situações inesperadas, como quando precisei segurar uma paciente que queria se jogar pela janela, ou pacientes que não suportavam não estarem escondidos debaixo da mesa! Eram pacientes psicóticos. A situação era a seguinte: ou eu aplicava o que eu tinha aprendido na minha formação psicanalítica - e com esses pacientes isto não funcionava - ou então tentava criar algo que acreditava que poderia ser eficaz com essas pessoas. Nesses momentos sempre pensei que seria necessário manter o maior rigor possível, procurando sempre refletir: o que se passa? Por que isto acontece? O que penso é resultado desta experiência de estar desde o início engajado no território dos tratamentos da psicose, de pacientes *borderline*, psicossomáticos, pacientes difíceis.

Outra experiência importante foi trabalhar em consultório público no hospital, mas também em consultório particular, onde havia pacientes em análise três vezes, quatro vezes por semana, deitados no divã. Meu trabalho em muitos momentos foi com pessoas muito loucas. Era necessário tomar conta daquela loucura. Você captou bem, o ponto de partida de toda minha reflexão foi – o que fazemos com o que sabemos da psicanálise em situações nas quais um paciente está escondido debaixo da mesa? O que eu faço? Eu o obrigo a deitar no divã ? O que fazer? Todos os livros que eu escrevi foram no sentido de compreender o que se passava nestes diferentes casos, e de quais teorias tínhamos necessidade para atender a estes pacientes. Posso dizer que há trinta anos continuo na busca.

**Associação MF**– O Sr. considera que a psicanálise deve se manter sempre como um empreendimento individual?

**René Roussillon**-Com certeza, não. Ela é dupla. Tenho a experiência de uma quinzena de anos com grupo de supervisão de analistas muito bem formados, mas que estão trabalhando, face a face, com pacientes difíceis. A análise está sempre em questão quando analistas falam dela- paciente e analista estão em dúvida se a análise está progredindo.

Em 15 anos lidamos com 160 tratamentos, aproximadamente. O que constatei nesses grupos de supervisão, foi que eram todos bons analistas, mas, quando estavam sozinhos, muitas vezes não conseguiam fazer avançar a análise e vinham conversar, refletir com o

grupo de elaboração. Ao repensar as questões da transferência, era possível desbloquear as situações que impediam o avanço deste tratamento. Este era um grupo de analistas formadores trabalhando com analistas formadores. Trabalhei com as Sociedades Belga, Suíça, Grega e também com os nativos de Quebec. Eles são na realidade analistas de pesquisa, pois buscam responder à questão: como podemos criar um modo de trabalhar com este determinado paciente, neste momento?

Então será que se deve pensar que psicanálise é um paciente, um psicanalista e só?

Houve êxitos, alguns surpreendentes, muito bons em termos de trabalho. Todos melhoraram suficientemente. Podemos dizer que ficaram satisfeitos com suas análises.

**Associação MF-** Com quantas sessões por semana o Sr. costuma trabalhar?

**René Roussillon-** Trabalho na maior parte do tempo com quatro sessões semanais, mas atualmente há cada vez mais pacientes com três sessões semanais.

Pode-se fazer psicanálise de grupo, não só psicanálise individual. Na França existem muitos analistas que fazem terapia psicanalítica de família. No Brasil isto não é difundido.

**Associação MF-** Aqui na SBPSP temos o Grupo de Psicanálise de Família.

**René Roussillon-** Terapias de família, de grupo, psicodrama, fiz todo tipo de formação em um determinado momento. Percebi que isto enriquecia minha prática de análise individual, assim como a prática individual enriquece o trabalho de grupo e de família.

Minha posição é simples: o que caracteriza a psicanálise não é o dispositivo, é a escuta do analista. O fundamental é escutar as associações dos pacientes tendo claro que se duas coisas se associam é porque, necessariamente, entre elas há um vínculo. Se este vínculo não aparece é porque está renegado, transferido, deslocado, e meu trabalho será tentar restabelecer esta ligação. Isto pode ser feito em grupo, na relação individual, em família.

**Associação MF-** Como o Sr. colocaria esta postura no plano da formação?

**René Roussillon-** Penso que isto começa antes da formação nos institutos de psicanálise. Começa na Universidade. Em Lyon a universidade que forma os psicólogos tem

um departamento de psicologia clínica dirigido por mim. No departamento de psicologia, o conjunto de docentes é formado por psicanalistas que ensinam psicologia clínica com orientação psicanalítica. Na universidade me refiro aos psicólogos, no Instituto de Psicanálise digo psicanalistas. Assim, quando se aplica o teste de Roschach, ou se faz um grupo de psicodrama com pacientes, há uma escuta psicanalítica. Nossos estudantes não sabem pensar de outro modo. Um grande número dentre eles, está fazendo análise.

Portanto, são formados na utilização da escuta e do pensamento psicanalítico em diferentes dispositivos: institucionais, grupais, individuais, de família, com crianças, com os sem teto, toxicómanos, etc. (Entretanto, não é o que acontece em todas as universidades, mesmo na França!). Depois a questão passa a ser quais são os conceitos necessários para trabalhar psicanaliticamente e quais os dispositivos a serem articulados. Mas a base da formação já está lá. Entenda que essa não é uma posição majoritária na França, é uma posição particular minha.

Isto também está ligado ao fato de eu ser Vice-Presidente do Sindicato dos Professores de Psicologia Psicanalítica para a Europa. Tenho posições políticas na defesa da psicanálise na universidade, na psicanálise no terreno de tratamento em geral e não simplesmente na defesa da psicanálise nos consultórios particulares.

Não quero discorrer somente em termos de consultório particular, por razões muito simples. Por exemplo, na França em consultório particular existem aproximadamente quatro mil psicanalistas. Psicólogos, envolvidos no serviço público existem quarenta mil. Também me ocupo dos quatro mil, mas acho que nós não podemos deixar os 40.000 sozinhos, precisamos pensar e refletir com eles. Por isso assumi a posição política de interesse pelos problemas da clínica psicanalítica como um todo, quer seja na sociedade ou fora dela.

Tenho responsabilidades na IPA e viajo pelo mundo visitando sociedades, principalmente sociedades que estão começando. A psicanálise já está na Rússia, Romênia, Grécia e finalmente na Turquia. As pessoas lá são jovens, diferentemente do que se vê de um modo geral nos congressos da IPA, onde as pessoas são mais velhas. Aqui na América do Sul a população ligada à psicanálise é relativamente mais jovem. Na França a média de idade dos analistas é de 45 anos. O início da formação se dá em geral aos 40 anos, mais oito, nove anos de formação e temos 49 anos. Precisamos procurar candidatos mais jovens, porque temos nos dado conta, de que há muita potencialidade, criatividade que não está sendo valorizada. Na época dos grandes psicanalistas criativos da França -Anzieu, Laplanche - éramos todos jovens. Atualmente grandes criadores e pensadores existem cada vez menos. Onde eles estão? Estão em outro lugar ou não foram recrutados suficientemente cedo para conservar sua potencialidade. É preciso evitar um sistema de “formatação”. Precisamos nos preocupar em dar menos orientação e não inibir a criatividade e espontaneidade. Devemos proporcionar maior liberdade e possibilidade de escolha. É importante não ter preconceito em relação ao jovem. É paradoxal uma Sociedade centrada em tratamento ter como único modelo a psicanálise individual, em consultórios particulares, sem observar e refletir sobre a realidade, não levando em consideração todo o contexto social. A experiência de prática clínica em outro contexto, que o estritamente analítico em consultório particular, é muito importante. É preciso que o analista tenha prática em pelo menos duas situações diferentes. Por exemplo, um tratamento de adulto e outro de criança. Acredito que existam coisas que só aparecem em análise quando praticamos diversos procedimentos. É o que explica o fato de haverem diversos dispositivos. Outro ponto importante é o trabalho com crianças. Percebo em meus supervisionandos, que aqueles que fizeram bastante terapia com crianças são melhores analistas.

Estes são fatores importantes de criatividade, que ou se perdem ou se desenvolvem fora da sociedade. No aniversário de 80 anos da Sociedade de Paris se organizou um evento para o qual se inscreveram 250 pessoas e mais 250 foram convidadas. Três meses mais tarde aconteceu o vigésimo aniversário do lançamento do livro “O eu pele” de Anzieu, quando organizamos um colóquio com lançamento de uma coletânea de artigos. Foram 1400 pessoas, 400 na porta querendo entrar. O público abrangia pessoas da SPP, APF, lacanianos de vários grupos., ou não ligados a grupo nenhum. O que faz diferença não é alguém pertencer a esta ou aquela sociedade, mas se o que estas pessoas têm a dizer interessa aos outros! É a resposta à demanda, é o novo, a linguagem acessível, o sob medida. O que proponho é que a resposta vá se fazer também sob medida em função do paciente. Quando recebo uma pessoa pergunto: você tem um projeto? Como acha que poderemos fazer, pensou em quantas vezes viria por semana? Se estiver frente a um psicótico que propõe um encontro a cada 15 dias, digo que assim não vai funcionar. Mas nós conversamos. Eu explico, e o tratamento começa assim, pela construção dos dispositivos.

**Associação MF**– Como podemos pensar esse trabalho “sob medida” que o Sr. propõe?

**René Roussillon-** Primeiro saber que não é tão confortável como trabalhar em um contexto pré-estabelecido, pois exige mais reflexão. E a atitude interna é importante, mas simples – é pensar não sou eu quem sabe é o paciente que sabe. Ele não sabe que sabe e eu, escutando, posso tentar ajudá-lo a formular o que ele sabe sem saber que sabe.

**Associação MF-** E o que pensa em relação à frequência nas sessões semanais?

**René Roussillon-** É uma combinação de fatores múltiplos: a intensidade do sofrimento, ou pacientes que percebemos que irão se engajar apaixonadamente na análise, e se tiverem uma sessão depois da outra isto poderá se tornar uma tortura, ou um paciente psicótico que poderá demandar cinco sessões de uma hora. Outro elemento é a disponibilidade efetiva das pessoas. Por exemplo, tenho muitos médicos em suas segundas, terceiras análises, que moram em Aix-en-Provence, ou Genebra, e a proposta será um grupo de sessões no mesmo dia, de manhã e à tarde. Houve um que queria vir até da Turquia, mas eu disse não! Há também conciliações financeiras, pacientes com preço igual àqueles que estão em formação. São estes os critérios. Também circula a ideia de que se não houver número suficiente de sessões semanais algo não poderá ser abordado. Mas, mesmo com pacientes que vem às sessões com maior frequência, percebemos que existe um não abordável! E, se houverem mais sessões, isto poderia levar a tal dependência que muitas defesas seriam mobilizadas, dificultando muito a análise para esta pessoa.

**Associação MF-** Para a formação na SPP quantas sessões por semana são exigidas?

**René Roussillon-** Um mínimo de três sessões semanais. Depois de três anos os candidatos são examinados por três analistas formadores, desconhecidos por ele, que depois se reúnem com mais pessoas em uma comissão para a avaliação final.

**Associação MF-** No que consiste esta avaliação ?

**René Roussillon-** O primeiro critério é observar qual a relação que o sujeito sustenta com sua análise: como a pessoa fala de sua própria análise, de seu psicanalista, se ainda existem idealizações ou, ao contrário, algo pejorativo que sentimos estar escondido lá no fundo. Outro critério é a capacidade, fluidez associativa - se ele chega já com algo formulado e, após uma fala nossa, reage como se não tivéssemos dito nada, ou se faz uma associação. O terceiro critério é a qualidade da presença emocional, a presença afetiva –podemos ter pessoas que choram na entrevista, mas isto não será um problema, desde que venha acompanhado de uma lembrança, por exemplo, uma situação amorosa.

**ASSOCIAÇÃO MF-** O tempo que o sr gentilmente nos ofereceu está terminando. Gostaria de falar algo?

**RENÉ ROUSSILLON-** Isto é o que eu faço. E eu digo: e você ?